

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



"VAPORES": REDUTO DE IMAGINÁRIOS E REPRESENTAÇÕES DA CIDADE - SÃO SEBASTIÃO DO CAÍ¹

Janice Roberta Schröder² (Feevale)

"[...] o ser humano é movido pelos imaginários que engendra."
Juremir Machado da Silva³

RESUMO

Este artigo analisa o poema "Vapores" de Helena Cornelius Fortes (1974) através de um olhar interdisciplinar, articulando conceitos da área da Literatura e da História. O poema é uma manifestação cultural e versa sobre a história de São Sebastião do Caí, consistindo numa fonte fecunda para o estudo de aspectos históricos e culturais da cidade. Busca-se analisar o poema de acordo com as premissas de Antonio Celso Ferreira (2009) e Antonio Candido (2006) e articula-se com autores que se debruçam sobre cidade, imaginário e representação como Sandra J. Pesavento (2002), Gilbert Durand (1996) e (2000), Michel Maffesoli (2001), Bronislaw Baczko (1985), Roger Chartier (2002), Juremir Machado da Silva (2006). Considera-se o poema como uma representação social e realiza-se uma análise do mesmo com o intuito de investigar a presença de aspectos que evidenciem os imaginários da cidade de São Sebastião do Caí na época em que o texto foi produzido.

Palavras-chave: Literatura. História. Cidade. Imaginário. Representação social.

1 INTRODUÇÃO

No presente artigo faz-se uma análise interdisciplinar de cunho literário e histórico do poema "Vapores" de Helena Cornelius Fortes. O poema se encontra num livro intitulado: "Reminiscências" (1974) e foi produzido em virtude do aniversário de 100 anos do município

¹ Artigo produzido para a conclusão da disciplina de Teorias Investigativas em Processos e Manifestações Culturais.

² Especialista em Patrimônio Cultural e Identidades (ULBRA). Licenciada em História (ULBRA). Mestranda em Processos e Manifestações Culturais (FEEVALE), bolsista da Prosup/Capes.

³ (SILVA, 2006, p. 7).

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



de São Sebastião do Caí, que ocorreu em maio do ano seguinte. É importante destacar que autora colheu informações junto a caienses idosos que tinham muitas experiências a compartilhar. Tornou-se, portanto, o primeiro livro que narra, através de versos, a história e o cotidiano dos caienses do primeiro centenário de existência do município.

Como tema proposto temos imaginário e representação social no poema "Vapores". A questão norteadora do trabalho vislumbra-se na investigação do imaginário e das representações sociais dos caienses em relação ao cotidiano e à história da cidade, presentes no poema "Vapores". O objetivo da pesquisa é analisar a presença de aspectos que evidenciem o imaginário e as representações sociais da época em que o texto foi produzido, através de uma análise poética de acordo com pressupostos de Candido (2006) e Ferreira (2009). Justifica-se, o presente estudo, pela necessidade de pesquisar e registrar aspectos histórico-culturais de São Sebastião do Caí, visto que a cidade carece de pesquisas nesta área. Os escritos de Fortes (1974) podem ser considerados fonte fecunda para desenvolver pesquisas, não exclusivamente de cunho histórico, mas essencialmente cultural.

O poema "Vapores" traduz uma parte da história e da cultura dos caienses a partir de 1875 até 1975. Considerando o poema a ser analisado como uma manifestação cultural, faz-se necessário esclarecer o conceito de cultura, adotado na realização do trabalho, que é conceito de Geertz (2008) que propõe: "o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado" (GEERTZ, 2008, p. 4). O poema "Vapores" aponta "teias de significados" que foram tecidos, no século XX e que retratam um pouco da vida, da história e da cultura dos caienses.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



2 DISCUTINDO CONCEITOS: CIDADE, IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO

Partimos do princípio de que este estudo se insere no que Pesavento (2002) chama de "história cultural do urbano" e que se propõe a estudar a cidade através de suas representações" (PESAVENTO, 2002, p. 8). É na cidade que as pessoas vivem e convivem sendo, portanto, um lugar permeado por imaginários, representações e memórias⁴, sejam estes ou estas individuais ou coletivas. A mesma autora prossegue: "A representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas" (PESAVENTO, 2002, p. 8). Neste sentido, a palavra, transformada em versos, através do poema "Vapores", transmite o imaginário de muitos caienses.

Desta forma, "a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que outros" (PESAVENTO, 2002, p. 9). E Morin (apud PESAVENTO, 2002) nos propõe:

O que me interessa não é uma síntese, mas um pensamento transdisciplinar, um pensamento que não se quebre nas fronteiras entre as disciplinas. O que me interessa é o fenômeno multidimensional, e não a disciplina que recorta uma dimensão deste fenômeno. Tudo que é humano é, ao mesmo tempo, psíquico, sociológico, econômico, histórico, demográfico. É importante que estes aspectos não sejam separados, mas sim que concorram para uma visão poliocular. O que me estimula é a preocupação de ocultar o menos possível a complexidade do real (MORIN apud PESAVENTO, 2002, p. 9).

Morin (apud PESAVENTO, 2002) e Pesavento (2002) salientam pontos cruciais da pesquisa, dentre eles o olhar multidimensional que leva a uma compreensão mais precisa e consistente dos engendramentos culturais. Portanto, a análise do poema será realizada a

⁴ Para Catroga (2001), memória e identidade andam juntas. Os ritos de comemoração (ou seja, de "recordar com") instituem sociabilidades que desenvolvem um papel pragmático e normativo no grupo social. A história e o patrimônio comum, material ou espiritual, inserem os indivíduos "em cadeias de filiação identitárias, distinguindo-os em relação a outros" e exigem dos membros de um determinado grupo "deveres e lealdades endógenas" (CATROGA, 2001, p. 50).

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



partir de um olhar, talvez não ainda transdisciplinar, como na visão de Morin (apud PESAVENTO, 2002), mas interdisciplinar, com enfoque histórico-cultural.

No caso do poema "Vapores", existem várias vozes atuando na produção escrita porque a autora expressou sua experiência e sentimentos, que são permeados culturalmente por outros, além de explicitamente ter feito uso de memórias de caienses idosos que tinham lembranças significativas para compartilhar. Fazendo esse estudo, podemos atingir uma comunidade imaginada, ou também uma comunidade de sentidos gerada por sentimentos de pertencimento a tal comunidade.

Em seguida, serão feitas considerações sobre imaginário e representação social que serão necessárias para posterior análise do poema. É a partir do imaginário que a sociedade possibilita a criação e legitimação das identidades e insere o imaginação individual num coletivo, seja da sociedade, em geral, ou de um grupo identitário específico. De acordo com Espig (1998) "Os imaginários sociais são referências importantíssimas dentro do sistema simbólico que produz a comunidade e através do qual se elaboram suas finalidades (ESPIG, 1998, p. 275). Pois é a partir dos imaginários que se constituem os grupos como tal, sua história, finalidades, crenças, referências, papéis e funções sociais, enfim, é através do imaginário que se constituem os fundamentos e identidades dos grupos (ESPIG, 1998). Durand (1996), expoente nos estudos sobre imaginário, enfatiza a importância do imaginário na construção da realidade. Ele propõe que o inconsciente coletivo está presente nas criações artísticas e literárias, pois interpretamos os símbolos e as imagens através de determinadas projeções inconscientes, mas carregadas de imaginários coletivos.

Silva (2006), estudioso brasileiro, afirma que "Numa acepção mais antropológica, o imaginário é uma introjeção do real, a aceitação inconsciente, ou quase, de um modo de ser partilhado com outros, com um antes, um durante e um depois (no qual se pode interferir em maior ou menor grau)" (SILVA, 2006, p. 9). Destaca também que

O imaginário é um reservatório[...]. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo (SILVA, 2006, p. 12).

A assertiva acima chama atenção de que muitas impressões ou sensações humanas se sedimentam através de uma mecanismo individual/grupal, diria-se mais grupal do que individual, fundamentando modos de ver, sentir e agir no mundo. Tais mecanismos são expressos através das mais diversas manifestações culturais.

Maffesoli (2001), sociólogo francês e ex-aluno de Durand, destaca que o imaginário tem algo de imponderável, "um certo mistério da criação ou transfiguração" (MAFFESOLI, 2001, p. 75). E prossegue afirmando:

O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. [...] Na aura de uma obra - estátua, pintura - , há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo as envolve, a aura. Não vemos a aura mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra (MAFFESOLI, 2001, p.75).

A partir das afirmações acima e das concepções sobre imaginário, acredita-se que o imaginário é a aura, é o que envolve uma obra, que a ultrapassa. É, ao mesmo tempo, uma construção mental, construída a partir de uma força social que é perceptível, mas não quantificável. "Vapores" é uma representação social, uma obra que tem esta aura, este imaginário, que é nosso interesse de pesquisa.

O historiador Chartier (2002) aborda o conceito de representação e, dentre outras coisas, destaca que devemos considerar as representações coletivas como as "matrizes de práticas que constroem o próprio mundo social" (CHARTIER, 2002, p. 72). Em termos genéricos, Durand (2000, p. 7) destaca que a consciência dispõe de duas maneiras para representar o mundo, uma direta quando "a própria coisa parece estar presente no espírito, como na percepção ou na simples sensação" e indireta "quando o objeto é ausente é *representado* na consciência por uma imagem." Portanto, a partir de Chartier (2002) e Durand

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



(2000) acredita-se que o poema pode ser considerado como uma representação, no entanto, o foco do trabalho reside no imaginário que tal representação traz. O poema "Vapores" é uma representação social e esta representação é permeada por imaginários.

Imaginário e representação social são conceitos que se entrelaçam. Discutindo representação, Woodward (2004) afirma que:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2004, p 17).

De acordo com Woodward (2004), é a representação que dá sentido ao que somos, então ela está atrelada ao imaginário e à identidade⁵. A identidade dos caienses está em constante construção e reconstrução e ela depende do imaginário e da representação do meio social para que se constitua. Logo, não podemos pensar em representação sem pensar em imaginário e identidade.

O filósofo Baczko (1985) afirma que as representações são perpetuadas pelos grupos, ele destaca:

[...] ao produzir um sistema de representações que simultaneamente traduz e legitima a sua ordem, qualquer sociedade instala também "guardiões" do sistema que dispõem de uma certa técnica de manejo das representações e símbolos (BACZKO, 1985, p 299).

É através desses "guardiões", que consciente ou inconscientemente desempenham este papel, que o sistema de representações se perpetua. A margem de liberdade em relação às representações sociais e aos imaginários é restrita. "O simbolismo da ordem social, da dominação e submissão, das hierarquias e privilégios, etc., é quantitativamente limitado, ao mesmo tempo em se caracteriza por uma fixidez notável" (BACZKO, 1985, p. 300) Portanto, sobre os sujeitos a "sociedade" impõe determinadas formas prontas,

⁵ Conforme Hall (2002), a identidade se transforma constantemente de acordo com os "sistemas culturais que nos rodeiam". Ela é, portanto, "definida historicamente, e não biologicamente" (HALL, 2002, p. 13). Assim sendo, a memória é essencial para a constituição da identidade do indivíduo e conforme o autor citado, "[...] é formada na interação entre o eu e a sociedade" (HALL, 2002, p. 11).

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



determinados imaginários e representações sociais, previamente pensadas para que os mesmos internalizem tais ideias, comportamentos, atitudes, hábitos e ritos.

3 LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA

Será feita a análise de um poema, portanto, convém conceituar literatura. No entanto, entra-se num campo delicado porque, segundo Compagnon (1999), não existe um consenso sobre o que é literatura. Elencando vários autores seria possível uma aproximação do conceito, mas a discussão se tornaria longa em demasia, o que não é o objetivo. Então, nos limitaremos a fazer uso de um texto literário. De acordo com Ferreira (2009)⁶, os textos literários são vistos "[...] como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo" (FERREIRA, 2009, p. 62).

O estudioso Candido (2006) propõe que:

Num texto literário há essencialmente um aspecto que é *tradução* (grifo do autor) de sentido e outro que é tradução do seu conteúdo humano, da mensagem por meio da qual o escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem. O estudo do texto importa em considerá-lo da maneira mais íntegra possível, como comunicação, mas ao mesmo tempo, e sobretudo como expressão. O que o artista tem a comunicar, ele faz à medida que se exprime. A expressão é o aspecto fundamental da arte e portanto da literatura (CANDIDO, 2006, p. 27).

A expressão do autor reflete um imaginário coletivo, pois somos inseridos na sociedade e nossa educação é reflexo de construções mentais coletivas. Ferreira (2009)

⁶ Ferreira (2009) destaca que a partir do movimento de renovação da historiografia no século XX, iniciado na França, por historiadores ligados à revista *Annales* e, posteriormente, trazido ao Brasil, é que houve uma ampliação do foco de pesquisa, dando ênfase aos processos sociais e econômicos e, mais tarde, a aspectos mentais das civilizações. Essa mudança exigiu uma postura interdisciplinar e utilização de novas fontes de pesquisa. E a partir da *História das Mentalidades*, com Lucien Febvre, abriu-se espaço para a investigação de textos literários.

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



afirma: "devem interessar à pesquisa histórica todos os tipos de textos literários, na medida em que sejam vias de acesso à compreensão dos contextos sociais e culturais[...]" (FERREIRA, 2009, p. 71).

Uma questão inquietante, para muitos pesquisadores, que abordam trabalhos de forma interdisciplinar, reside no enquadramento do texto no gênero mais apropriado, no entanto Ferreira (2006) afirma: "Cabe àqueles que trabalham com a fonte literária, em vez de enquadrá-la em algum gênero pressuposto, interrogar a que público ela se destina e que papel cumpre nas condições sociais e culturais de uma época" (FERREIRA, 2009, p. 74). A análise, portanto, não será rigorosamente semelhante a análise de um teórico da área da literatura, mas será uma análise do conteúdo da obra.

Não existe um método definido para que o historiador trabalhe com literatura, "[...]o método de trabalho do pesquisador depende da problemática que o leva à investigação" (FERREIRA, 2009, p. 80). O mesmo autor afirma ainda que o método deve ser construído pelo pesquisador no contato com seu objeto. E frente a vasta possibilidade de métodos existentes, deve prevalecer o bom senso.

Ferreira (2009) aponta a existência de uma vertente que busca analisar nos textos as representações sociais, visões da cidade, dentre outras e enfatiza que essa linha de pesquisa requer interpretação da forma e do conteúdo das obras, ou seja, "exige que sua análise interna seja articulada aos contextos históricos e sociais" (FERREIRA, 2009, p. 83). Nesse sentido, procura-se, através do poema em questão, fazer uma análise buscando aspectos que evidenciem os contextos históricos e sociais da época.

4 ANÁLISE DO POEMA "VAPORES"

Na sequência será feita uma análise, de cunho interdisciplinar, baseada em pressupostos de Ferreira (2009) e Candido (2006). É imprescindível salientar que é um olhar, uma interpretação que visa identificar os imaginários presentes no poema.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



De acordo com Candido (2006), um poema pode ser analisado em duas etapas: comentário analítico e análise interpretativa. Neste estudo será feito um breve comentário analítico e a análise interpretativa do poema "Vapores" que possui dezoito estrofes, cada qual com quatro versos. O poema foi dividido em blocos, com conjuntos de estrofes, para facilitar a leitura. Na sequência, inicia-se expondo as primeiras três estrofes:

Os dois primeiros vapores
União e Maratá
Revezavam-se nas viagens
um pra lá outro pra cá.

Compunha-se a tripulação
De cinco a seis marinheiros,
Um homem para a despensa,
Comandante e cozinheiro.

Carregavam durante o dia
Pra sair ao anoitecer,
O Comandante a postos,
Atento pra nada esquecer.

Na primeira estrofe há rima no segundo e no quarto verso, através da vogal acentuada "a". No entanto, o que chama a atenção é a poética ideia de movimento no último verso, "um pra lá outro pra cá", semelhante ao movimento de uma dança, a valsa, dando a ideia de movimento e revezamento entre os dois primeiros vapores, um pra lá, outro pra cá. Na segunda estrofe a autora narra a composição da tripulação e a rima prossegue no segundo e quarto versos, mas acrescenta de "s" no segundo. Enquanto a terceira estrofe ressalta a preparação da viagem e possui rima no segundo e quarto versos.

Preciosa e abundante
a carga que ia chegando
nas carretas com dez burros.
Marinheiros descarregando,

Com seu capuz de estopa,
como formigas num vai e vem,
quando o barco estava cheio,
o resto pro armazém.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



O primeiro verso da quarta estrofe é composto pelos adjetivos preciosa e abundante, dando ideia do grau de importância dos produtos cultivados. As rimas do final do segundo e quarto versos são verbos no gerúndio, dando a ideia de uma ação que estava sendo realizada. Na sequência, a quinta estrofe enfoca o trabalho. A metáfora "[...] como formigas" dá ideia de trabalho árduo e em equipe, "num vai e vem", novamente a ideia de movimento está em evidência no poema. E, conforme as demais estrofes, apresenta rima no segundo e quarto versos.

Alimentos recém colhidos,
feijão, milho e batata.
O colono mais caprichava
com a incomparável alfafa.

Alfafa do nosso Caí
elogiá-la não é favor,
cavalos de todo o mundo
conhecem o seu sabor.

Na sexta estrofe, a autora termina o segundo, terceiro e quarto versos com a vogal "a". De acordo com Candido (2006) existe correspondência entre a sonoridade e o sentimento. Neste caso a vogal "a", repetida nos três últimos versos parece transmitir alegria, ainda mais, devido a presença do adjetivo "incomparável" para descrever a alfafa, produto destaque do município.

Em relação à sétima estrofe o pronome possessivo nosso, do primeiro verso, não indica necessariamente posse, mas um sentimento de pertencimento. Sem este pronome o verso perderia o encanto. A rima, da mesma maneira que nas demais estrofes, se concentra no segundo e quarto versos. Na mesma estrofe temos, no último verso, a palavra sabor que traz a ideia de ter gosto, ser prazeroso, referindo-se à alfafa, refletindo o orgulho do produto cultivado em sua terra, reforçado pelo verso "elogiá-la não é favor".

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Na sequência, serão analisadas a oitava, nona, décima e décima primeira estrofes.

Mais do que dez passageiros
Não podiam navegar.
No camarim das mulheres
Só quatro achavam lugar.

Viajar a Porto Alegre
só rico ou remediado,
comerciantes para comprar
ou então recém casados.

A partida estava marcada
pra seis horas da tarde
mas às cindo já começava
o apito a fazer alarde.

Bonita mesmo a saída,
muita gente no barranco,
gente de toda idade
acenando seu lenço branco.

A oitava estrofe reflete uma questão relacionada a gênero visto que o espaço reservado aos homens era maior do que o reservado às mulheres. O advérbio "só", do último verso é restritivo e parece transmitir uma discordância por parte da autora em relação a esta questão.

Na nona estrofe, aparece novamente o advérbio "só", no segundo verso, e restringe o acesso às viagens nos vapores. A estrofe evidencia, portanto, o caráter elitista do transporte viário da época, só determinados grupos com status e poder aquisitivo podiam usufruir de viagens nos vapores. A rima permanece no segundo e quarto parágrafos, no entanto, com acréscimo de "s" na quarta estrofe. Além disso, o poema reflete o casamento como um valor naquela sociedade, tanto que as viagens, restritas, como mencionado, eram luxo de recém casados. É pertinente salientar, que possivelmente o fator econômico era extremamente restritivo, pois não eram todos os recém casados que podiam desfrutar das viagens.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



A décima estrofe também apresenta rima no segundo e quarto versos. Mas o que se destaca é a marcação do tempo, hora antes, pelo apito. No verso "o apito a fazer alarde" a palavra alarde traz a ideia de chamar a atenção mas, ao mesmo tempo, transmite, no contexto, a ideia de orgulho, ostentação que o imaginário, gerado em torno dos vapores, trazia.

Na décima primeira estrofe existe rima também, de acordo com a sequência das outras estrofes. A estrofe inicia com o adjetivo "Bonita" se referindo ao momento de partida de cada vapor. Esses versos demonstram o grau de importância atribuído à saída de cada vapor. "Muita gente no barranco[...] Acenando seu lenço branco". Essa é a legítima poetização, parece que a autora mistura cenas de filme ao acontecimento, que toma aqui status de evento pela magnitude da descrição.

A próxima sequência abrange da décima segunda à décima sexta estrofes.

O barco bem carregado,
a máquina a todo o vapor
pra puxar muitos lanchões,
cada carga a sua cor.

Dois lanchões bem amarelos,
com as laranjas do nosso Vale,
saborosas, cheirosas e saudáveis,
não tem no mundo que iguale.

O verde com as verduras,
legumes e tudo mais,
no fundo de tudo isso
iam os gostosos frescais.

Mais um lanchão, com alfafa
de todas cargas a mais cara,
destinava-se pra bem longe,
pros cavalos da Guanabara.

Bem atrás mais uma lancha
Com as aves nas capoeiras,
Desde o frango de primo canto
Às mais gordas poedeiras.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Todas as estrofes deste bloco tem as rimas bem definidas no segundo e quarto versos. Na décima segunda estrofe, a palavra "bem" parece ter sido empregada, não em seu sentido literal, mas como sinônimo de repleto, para evidenciar que o barco estava com sua carga máxima. O advérbio de intensidade "muitos", salienta a quantidade de lanchões, mas remete a quantidade e variedade das cargas, cada lanchão representando sua cor.

Na décima terceira estrofe, repete-se a palavra "bem", com o mesmo sentido da estrofe anterior salientando, desta vez, o tom amarelo das laranjas. Na sequência ressurgem o pronome possessivo "nosso" que, da mesma maneira que na sétima estrofe transmite, não necessariamente um sentimento de posse, mas mais especificamente um sentimento de pertencimento ao "Vale". Em seguida há uma sequência de adjetivos "saborosas, cheirosas e saudáveis" fazendo referência às laranjas, demonstrando admiração e respeito pelo produto do vale e, concluindo reforça "não tem no mundo que iguale".

A décima quarta estrofe reflete a variedade de verduras e legumes frescos produzidos e transportados pelos vapores. Já a décima quinta estrofe, se refere novamente a alfafa salientando, desta vez, o valor econômico do produto. Reaparece a palavra "bem", empregada novamente como sinônimo de intensidade, no entanto referindo-se agora, à intensidade da distância, até "Guanabara". Lugar este, carregado de valor simbólico devido à sua importância histórica na época.

A décima sexta estrofe sinaliza a criação de animais, exemplificada através galinhas, com suas variadas utilidades. Desde aquelas que serviam de alimento, às poedeiras e às de "primo canto". A expressão "de primo canto", expressa um juízo de valor, um elogio ao primoroso canto das aves.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Em seguida, a análise das últimas estrofes, décima sétima e décima oitava.

E lá ia-se o vapor,
com força as rodas movia,
agitando as águas mansas
sob o sol que já morria.

Rodeado de espuma branca
quando a água não era turva,
o barco se despedia
apitando lá na curva.

Percebe-se, nestas últimas estrofes, a presença das rimas, predominante, desta maneira, em todo o poema. O primeiro verso da décima sétima estrofe "E lá ia-se o vapor" retoma a ideia de movimento, elencada na primeira estrofe. Com um adjetivo caracteriza as águas do rio "mansas", mas que são agitadas com o movimento do vapor. O último verso retoma, também, a ideia de tempo, o horário da partida que coincidia com o pôr do sol.

A última estrofe faz uso do adjetivo "branca" caracterizando a espuma, no entanto, esta palavra vem acompanhada de uma condição: quando, ou seja, condicionando o adjetivo, ao estado da água, no caso, não estar turva. E os dois últimos versos retomam a décima estrofe, salientando o som do apito que ressoa na memória de quem acompanhava a saída de um vapor, evidenciando que a saída de um vapor era considerada um evento, devido a significância atribuída ao fato, pelo poema.

O ritmo do poema é de quadrinhas do folclore, que é de fácil memorização. Apesar de haver preocupação com a estética da linguagem, devido à presença de rimas e escolha de determinadas palavras e expressões, o poema evidencia que a preocupação da autora não se voltou para uma criteriosa composição poética, parece-nos que o foco da autora reside numa narrativa histórica e cultural, que foi escrita em forma de poema.

Partindo do pressuposto de que "todo o indivíduo submete-se a um imaginário preexistente. Todo sujeito é um inseminador de imaginários (SILVA, 2006, p. 9) acredita-se que o imaginário que conduz o poema é de prosperidade da cidade esboçada através do porto, ilustrada, no poema, através da figura dos vapores. O porto era o centro das

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



atenções, gerava movimento, como foi expresso no poema, caienses e habitantes de municípios vizinhos se deslocavam até o porto para viajar ou para transportar os produtos cultivados. O poema expressa a ideia de que os vapores habitam o imaginário dos caienses, representando sinal de prosperidade e desenvolvimento.

A constante adjetivação dos produtos cultivados na terra, demonstra uma valorização de tais produtos, inclusive reforça o imaginário em torno da alfafa, produto destaque do município na época, afirmando ser conhecida por "todo o mundo".

A sétima e a décima terceira estrofes apresentam um sentimento de pertencimento ao Caí e ao Vale. Esse sentimento é construído socialmente, constitui-se num imaginário, numa representação que reforça a identidade dos moradores.

Outros imaginários como a questão de gênero, levantada na oitava estrofe; o caráter elitista de acesso às viagens e o casamento como valor presente na sociedade, permeiam o poema.

A décima e a décima oitava estrofes evidenciam o som do apito, "o apito a fazer alarde" e tem-se a impressão de que o eco do apito era representação de orgulho a cada partida de algum vapor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a ideia inicial, a literatura é uma fonte fecunda para o estudo das manifestações culturais. O poema "Vapores" é uma manifestação cultural, permeada por imaginários e representações da cidade de São Sebastião do Caí. O poema é polissêmico por ter sido construído a partir do olhar da autora, que traz consigo imaginários e representações, aliado aos idosos que colaboraram contando histórias, também permeadas por imaginários e representações.

A construção de imaginários e representações, percebidas no poema, como a valorização dos produtos cultivados, através da constante adjetivação; o poder do status

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



social, definindo acesso e o prazer de usufruir das viagens nos vapores; a valorização de uma instituição social que é o casamento; questões de gênero salientando restrição à quantidade de mulheres a bordo, e em número inferior ao de homens; o sentimento de pertencimento ao Caí e ao Vale, expressos em dois momentos no poema; e, especialmente, a construção da ideia da prosperidade da cidade e que parece se concretizar a partir dos vapores, é essencial para a compreensão da cultura e da história da cidade. Os vapores eram, portanto, uma referência para os caienses, representavam a garantia do escoamento dos produtos, mas também, eram símbolo de movimento, a cidade era considerada o centro da região devido ao porto.

A partir dessas discussões, acredita-se que é possível analisar uma manifestação cultural como um poema, permeada por imaginários e que, neste caso, possibilitou a criação de uma representação sobre a cidade. É evidente que lançou-se um olhar, uma possibilidade de análise que fosse capaz de trazer alguns aspectos históricos e culturais da cidade de São Sebastião do Caí na época em que o poema foi produzido. Tem-se consciência das limitações que tal estudo tem, no entanto, tem-se também a consciência da necessidade de pesquisar e produzir registros que valorizem as raras obras que tratam da história e da cultura da cidade de São Sebastião do Caí.

REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et Alii. **Anthropos- Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 6. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 164 p.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org) **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001, p. 43 - 69.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. A história entre certeza e inquietude. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 2002.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



COMPAGNON, A. A literatura. In: _____. **O Demônio da Teoria**. Literatura e senso comum. Belo Horizonte: ED. UFMG, 1999.

DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa, Portugal: Piaget, 1996.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa, Portugal: Edições 70. 2000.

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXIV, n.2, p. 1-362, dezembro de 1998.

FERREIRA, Antonio Celso. A Fonte Fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.); DE LUCA, Tania Regina (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009. P. 61-92.

FORTES, Helena Cornelius. **Reminiscências: 1875 - 1975**. São Sebastião do Caí. 1974. 139 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 07 - 22, 2002.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Organização Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardiã Resende, [et al] Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, 410 p.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre: nº 15, agosto, 2001. p. 74- 81.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. 400 p.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006. 111 p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Trad. e org.: Thomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 7-72.